

Copa do Mundo 2014: Apontamentos sobre o agendamento temático na *Folha de S. Paulo*¹

Carlos Willians Jaques MORAIS²
Rodrigo Nascimento REIS³
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Resumo: Amplamente assediada pelos meios, a Copa do Mundo de 2014 no Brasil rendeu inúmeras abordagens pela imprensa. Neste artigo, busca-se fazer apontamentos sobre o agendamento temático no jornal *Folha de S. Paulo*. A partir da análise de conteúdo das capas do jornal, durante os meses de janeiro a julho de 2014, constatou-se 537 menções ao evento. Destas, 49 manchetes foram analisadas na perspectiva da Teoria do Agendamento proposta por McCombs. Identificou-se cinco grandes agendas temáticas envolvendo a Copa: protestos, gastos, desorganização, política e futebol. Logo, observou-se que a decisão do que é notícia acerca da Copa não necessariamente foi pautada pelo esporte, mas por diversos temas que pressupõem a disputa de interesse público.

Palavras-chave: Copa do Mundo de 2014; Agendamento Temático; Folha de S. Paulo

Introdução

Temos aqui um tema de relevante interesse do público: o Brasil como sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014. Poucos países são capazes de organizar a competição sem ajuda dos cofres públicos. No Brasil, os gastos com infraestrutura das cidades onde aconteceram os jogos também foram por conta do Estado, bancados com dinheiro público proveniente de impostos.

Por isso, o assunto mexeu tanto com o ímpeto do brasileiro: uma parte da opinião pública dizia ser contra a realização do evento por acreditar que o dinheiro gasto para o mesmo poderia ser investido em setores do país de caráter precário e carente de investimentos. Outra parte levantou a bandeira de que a Copa, além de construir estádios,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente de Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), email: cwjmorais@hotmail.com

³ Mestrando em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), email: rodrigoreisitz@gmail.com

proporcionaria melhorias urbanas como expansão de aeroportos, linhas de metrô, estradas, rede hoteleira e outros aspectos que se tornariam herança para a nação.⁴

Do ponto de vista midiático, desde a escolha do país para sede dos jogos, o assunto tornou-se uma das principais pautas do noticiário nacional. E chama atenção que, desde o início de 2014, o clima visível nas manchetes da *Folha de S. Paulo* era de desesperança. Notícias, fotografias, editoriais, comentários e artigos disseminaram uma imagem do país incapaz de administrar o evento, com atraso nas obras dos estádios, aeroportos e a população nas ruas manifestando-se por mais educação, emprego e saúde.

No período em questão, o país foi pouco retratado por ter um time pentacampeão do mundo, ou pelas belezas naturais, o turismo, o orgulho do torcedor brasileiro e tantas outras oportunidades de valorização do nacionalismo. A mídia hegemônica parecia, em linhas gerais, jogar contra o sucesso da competição e excluir todo tom positivo de suas páginas.

Nesse contexto, busca-se desvendar como a imprensa brasileira - aqui neste artigo representada pela *Folha de S. Paulo* - agendou a execução da Copa do Mundo no Brasil. É consenso que o jornalismo desempenha papel importante para a formação da opinião pública. Logo, seus discursos interferem na produção social de imaginários acerca das potencialidades e fragilidades do país.

Além disso, a mídia jornalística tem o poder de decisão para escolher os atores a serem representados na arena pública, bem como o que será dito a respeito deles e, *a priori*, como será dito. Também muitos detentores de poder possuem ampla cobertura da mídia jornalística, tendo, portanto, seu poderio legitimado de maneira abrangente.

Salienta-se, ainda, o que já foi preconizado por Marcondes Filho (1989, p.13) que identifica a notícia como a informação convertida em mercadoria, “com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo”. Para o autor, notícia é tudo aquilo que se tornou anormal, contanto que a anormalidade seja de interesse dos jornais. Todavia, na prática, a notícia pode estar impregnada de outros interesses.

Dentro do processo de agendamento proposto por McCombs (2009), esse artigo foca na tematização das capas da *Folha de S. Paulo*. A partir da análise de conteúdo das capas do jornal, durante os meses de janeiro a julho de 2014, verificou-se 537 menções ao evento,

⁴ As informações sobre o financiamento da Copa podem ser acessadas pelo site: www.copatransparente.gov.br

entre estas, 49 manchetes, onde os assuntos tiveram desdobramentos além da editoria de Esporte, como nas páginas de Poder, Opinião, Mercado, entre outras.

A agenda como metáfora para uma teoria

Notável nos estudos em comunicação, a Teoria do Agendamento, proposta e organizada pelos americanos Donald Shaw e Maxwell McCombs, nos anos de 1970, faz da “agenda” uma metáfora. Esta figura de linguagem responsável por utilizar uma palavra ou expressão em um contexto/sentido incomum é empregada para revelar a semelhança entre os assuntos discutidos no cotidiano da sociedade com os pautados pela mídia.

Para compromissos importantes serve uma agenda, claro! Afinal, o usuário faz anotações de data, horários e eventos porque não pode esquecê-los. É uma maneira sistemática de planejamento para colocar ordem na rotina. E assim faz o jornalismo: disponibiliza uma série de tópicos diariamente em pauta para o conhecimento das pessoas. É uma forma de expor o que é mais importante/urgente à mostra de todos, diante da imensidão de fatos.

Quando a socióloga Gaye Tuchman na obra “La producción de la noticia”, após dez anos de pesquisas, observa a necessidade de por ordem no tempo e espaço no exercício do trabalho jornalístico, pode-se presumir - embora a autora não use o termo - a atribuição de agenda ao menos no sentido temporal de organização. Para ela, a notícia tem de dizer para as pessoas o que elas querem, necessitam e deveriam saber. “Además, los médios de información tienen el poder de dar forma a las opiniones de los consumidores de noticias sobre aquellos tópicos acerca son ignorantes” (TUCHMAN, 1983, p. 14).

Os jornalistas norte-americanos Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004), preocupados com a credibilidade do jornalismo, assinalam que este deve ter como principal função fornecer informações necessárias aos cidadãos para que eles sejam livres e possam se autogovernar. Em outras palavras, selecionar os assuntos de maior interesse e colocá-los à disposição das pessoas - tal como anotados em uma agenda. A decisão de orientar-se pelos dizeres da mídia dever-se-á ocorrer de forma particular, todavia, as coordenadas foram dadas.

Conforme Pena (2008), vários povos, além de agendados pelos acontecimentos da mídia, se fascinavam com eles. Por isso, por muito tempo, antes de se pensar uma Teoria da Agenda em que as pessoas possuem a ‘liberdade’ de pensar ou não sobre os temas veiculados, acreditava-se em consumidores de informação como tábulas rasas, prontos para receber uma “Agulha Hipodérmica” e receber seus efeitos injetados de forma passiva e

rápida. “Nesse contexto, grandes massas de indivíduos eram representadas, segundo hábitos de pensamentos heterogêneos, mas concordantes neste ponto, como atomizadas, alienadas e primitivas” (WOLF, 2003, p. 28).

McCombs (2009) explica que, tal como qualquer teoria, a Agenda é fruto de um processo de pesquisa, contestações e amadurecimento. Segundo o autor, a maioria das pessoas admite através de comentários que a maioria dos conhecimentos diários advém daquilo que é noticiado nos meios de comunicação. Não é de se vislumbrar esse dado, pois os próprios critérios de noticiabilidade – conflito, curiosidade, tragédia e proximidade, por exemplo – buscam exatamente empatia do público. Seria estranho pensar se as informações não fizessem sentido na realidade da sociedade. O ponto central é que muitos desses fatos não fazem parte da experiência pessoal do público e acabam tornando-se “o assunto”, a “pauta do dia” ou “objeto de reflexão” do cotidiano dos cidadãos.

As notícias do dia nos alertam sobre os últimos eventos e modificações dos amplos ambientes que estão além de nossa experiência imediata. Mas os jornais e as notícias da TV, mesmo as bem editadas páginas de um jornal tabloide ou de um site da web fazem muito mais do que sinalizar a existência de temas e eventos importantes. Na sua seleção diária e apresentação das notícias, os editores e diretores de redação focam nossa atenção e influenciam nossas percepções naqueles que são as mais importantes questões do dia. Esta habilidade de influenciar a saliência dos tópicos na agenda pública veio a ser chamada da função agendamento dos veículos noticiosos. (MCCOMBS, 2009, p. 18)

O autor delinea ainda mais a proposta da Teoria com exemplos do contexto jornalístico. Segundo ele, as notícias de capa são mais potentes em termos de influência do que as internas, os tamanhos dos títulos e sua localização em uma página também referenciam conteúdo de relevância ou não. Podemos acrescentar a esses exemplos vários outros atributos, a como mudança repentina da diagramação da capa de um jornal, o uso de charges, imagens chocantes, títulos apelativos ou, no caso de TV, mudança do ângulo da câmera, criatividade do repórter diante do fato, entre outros. Esses detalhes, conforme McCombs (2009), sinalizam a proeminência de tópicos, contudo, mais que isso, a reprodução é um fator revelador da importância das mensagens.

Para exemplificar como a agenda da mídia estabelece a agenda de discussão e reflexão pública, McCombs denomina Walter Lippmann como pai intelectual da Teoria do Agendamento. Motivo: “Sua tese é de que os veículos noticiosos, nossas janelas ao vasto mundo além de nossa experiência direta, determinam nossos mapas cognitivos daquele

mundo”. (MCCOMBS, 2009, p. 19). Desse modo, os veículos constroem um pseudoambiente, e é a este que as pessoas são motivadas a pensar, e não ao ambiente em si, real.

Em visita ao Brasil, Maxwell McCombs concedeu entrevista à Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – Intercom (2008) e falou sobre um panorama da Teoria do Agendamento. O entrevistado chama a atenção para o fato de que a pesquisa foi densa, durante 25 anos, quando se analisou, principalmente, como a agenda da mídia influencia a agenda pública, em que constataram-se com precisão as semelhanças entre os temas de eleição e a opinião pública em várias partes do mundo.

Para o autor, o agendamento ocorre por que os indivíduos têm uma necessidade de orientação. A partir dessa premissa é possível compreender o porquê de o jornalismo se encaixar de maneira explícita nesta teoria. Pena (2008) afirma que a natureza do jornalismo consiste no medo do desconhecido, que leva os indivíduos a uma busca por conhecimento, da qual o jornalista tornou-se mediador: “O homem comum não se informa mais pelos relatos da praça, mas sim pelo que os mediadores do novo espaço público trazem até ele. Daí a nossa responsabilidade”. (PENA, 2008, p. 31).

Nelson Traquina compartilha do mesmo sentido “norteador” do jornalismo ao contar que todos os dias as pessoas buscam saber o que está acontecendo no mundo.

Ao longo dos séculos, as pessoas (muitas delas, pelo menos) têm desejado ser informadas sobre o que as rodeia, usando o jornalismo (ou uma forma pré-moderna do jornalismo) para se manterem em dia com os últimos acontecimentos, para os combinarem com um conhecimento dos tópicos que lhes permita participar de conversas pessoais e de grupo, talvez para se sentirem reassuradas de que através dos vários produtos do jornalismo não estão a perder algo, ou para serem fascinadas pelas alegrias e tragédias da vida. (TRAQUINA, 2004, p. 20)

Para ele, os jornalistas também são mediadores e modernos contadores de histórias na sociedade contemporânea. E o caráter de busca de informação no jornalismo ocorre devido a valores históricos da profissão para com os leitores, como a verdade, honestidade e clareza no trato com a notícia. Por fim, na atualidade tem eixo mais norteador na produção da notícia – para tentar enquadrar o fato - do que responder as perguntas básicas do *lead*?: o quê, quem, como, onde, quando e por quê? Com tais respostas, por muitas vezes os leitores já saciam a necessidade de orientação.

Na concepção de McCombs (2009), a orientação é determinada por dois conceitos: relevância e incerteza. A primeira implica que as pessoas não sentem desconforto

psicológico e muito menos busca de orientação se o tópico não for de relevância particular. Em outras palavras, o que é relevante varia de pessoa para pessoa e pode estar relacionada a diversos motivos. O nível de incerteza também deve ser levado em conta, porque o público, em determinados assuntos, necessita de todos os ângulos e abordagens dos fatos para poder tomar decisões.

Panorama da cobertura da Copa 2014 na *Folha de S. Paulo*

De 1º de janeiro a 31 de julho de 2014, a Copa do Mundo no Brasil teve 537 menções nas capas da *Folha de S. Paulo*. A média menor foi de 16 menções em fevereiro e a maior foi de 218 em junho. Se levarmos em conta que no mesmo período foram veiculadas 212 capas, poder-se-ia concluir ‘arbitrariamente’ que todos os dias houve ao menos duas notícias referentes ao mundial. Este dado apenas ilustra a importância do assunto que esteve pautado praticamente todos os dias do primeiro semestre.

Por se tratar de um campeonato mundial de futebol, parece indiscutível que o tema seja tratado pela editoria de Esporte. Todavia, por ser um megaevento esportivo, a temática ganhou “focos”, “ganchos”, “desdobramentos” em todas as editorias da Folha: Mercado, Mundo, Cotidiano, Ilustrada, Poder, Opinião, Entrevista da 2ª, Ciência, Folhinha, Ilustríssima, Comida, Imóveis e cadernos criados como “Especial Seleção dos Sonhos”, “História das Copas”, “Turismo na Copa”. A Guia Folha, Guia Especial Copas, a página do New York Times e a Revista São Paulo também tiveram chamada de capa para suas respectivas edições. Importante destacar que a editoria Esporte, nos meses da competição, foi transformada pelo jornal e passou se chamar “Copa” com *layout* diferenciado.

Deste conjunto, além de Esporte, as editorias, respectivamente de Poder, Opinião e Mercado foram as mais interessadas em abordar o tema. E como se vê, até as editorias mais distantes do esporte buscaram afinidade com o evento. Exemplificando, a editoria de Ciência trouxe à tona a história de um paraplégico que chutou a bola na abertura do torneio e abordou as pesquisas acerca de uma armadura robótica para fazer com que pessoas com paralisia voltem a andar; Ilustrada evidenciou livros, filmes e músicas sobre a Copa, bem como trouxe pautas sobre fortuna dos atletas, hotéis, músicas e presença dos estrangeiros; Imóveis conquistou uma única chamada de capa no período analisado, dando dicas de como preparar o ambiente (prédio) para receber amigos durante os jogos; e a Folhinha, para encerrar esta série de exemplos, pautou a infância dos astros da seleção, as figurinhas do

álbum do campeonato e, com a derrota trágica do Brasil, trouxe psicólogos para ensinarem aos pais sobre como superar o trauma e a frustração de seus filhos.

Impressiona que no mês de maio, a editoria Poder teve mais destaque na capa ao falar de Copa do que a de Esporte. Foram 24 chamadas contra 22, respectivamente. Porém, no mês de maio surgiu a editoria “Copa”, que teve quatro chamadas. Esta, digamos, foi um pré-especial do evento em função do anúncio dos 23 convocados para integrar a Seleção Brasileira de Futebol. Se juntarmos Esporte mais Copa, serão então 26 chamadas de capa contra 24 de Poder. O número desta página de política continua expressivo para se tentar entender o porquê desse crescimento.

De fato, maio foi o mês mais tenso para os preparativos da Copa. A agenda *da Folha de S. Paulo* explorou protestos em várias cidades brasileiras, destacou as metas que não foram cumpridas, entre as quais, a construção de estádios, projetos de mobilidade urbana e melhorias em aeroportos. Também sinalizou a possibilidade de greve de 500 mil servidores, destacou a fala do ministro Gilberto Carvalho (Secretaria-Geral da Presidência) sobre o sentimento de frustração em relação aos atrasos das obras do Mundial. As opiniões do ex-presidente Lula e do ex-jogador Ronaldo também tiveram destaque nas capas, ambos fizeram críticas aos preparativos do evento.

Vários atores sociais foram convocados para emitir suas perspectivas sobre o evento. Sem perder de vista que o corpus da pesquisa tem como base de direcionamento as capas, é de se admirar que nesse espaço privilegiado do jornal ocorram tantas interlocuções. Os mais presentes foram Tostão, Juca Kfourri e PVC, logicamente pelo envolvimento com o esporte. Todavia, outros atores da sociedade brasileira deram sua opinião sobre o evento: Rogério Gentile, Paula Cesarino Costa, Eduardo Scolese, Marcelo Coelho, José Simão, Xico Sá, Ana Estela, Fernanda Torres, Hélio Shwartsman, Jairo Marques, Thales Menezes, Amanda Mota, Antônio Prata, Ferreira Gullar, Mônica Bergamo, Antônio Prata, Sérgio Rangel, Pasquale Cipro Neto, Vinicius Mota, Tati Bernardi, Denise Fraga, Abílio Diniz, Franz Beckenbauer, Marcelo Tas, Mauro Paulino, Alessandro Janoni, Tati Bernardi, Marco Paulino, Eduardo Gianetti, Rogério Van Fasano, Elena Landau, Rosely Sayão, Igor Gielow, Clarice Reichstul, Simon Kuper, Antonio Delfim Neto, Zeca Camargo e Marcelo Parada.

As seleções passaram a ser de interesse do jornal nos meses de junho e julho. Dos 32 times envolvidos no campeonato, onze não tiveram evidência na primeira página: Camarões, Austrália, Grécia, Costa do Marfim, Japão, Honduras, Bósnia-Herzegovina, Argélia, Rússia, Coreia do Sul e Equador. As seleções mais referenciadas foram Argentina,

Brasil, Alemanha, Uruguai, Holanda, Espanha, Itália, Portugal, Chile, Colômbia e Inglaterra.

O técnico da seleção brasileira de futebol, Luis Felipe Scolari (Felipão), e o atacante Neymar foram as figuras esportivas mais citadas e polemizadas. O primeiro pela responsabilidade técnica de montar a equipe antes do mundial e, em seguida, de articular os jogadores durante o evento. O segundo por ter sido considerado pela imprensa como “promessa” no mundial, por expor o relacionamento amoroso com a atriz Bruna Marquezine e por ter ficado fora da Copa em função de um ‘acidente’ em campo.

Agendas: Protestos, gastos, desorganização, política e futebol

Para fazer a análise qualitativa, foram selecionadas as manchetes referentes à Copa justamente pelo caráter de título principal e indicativo de importância do tema em relação a outros da mesma edição. O número ainda continuou alto, 49 manchetes, se levarmos em conta que é um destaque privilegiado da informação. Cinco categorias foram criadas para tentar englobar as diversas abordagens do jornal a respeito do evento: protestos, gastos, desorganização, política e futebol, as quais serão analisadas a seguir.

Categoria 1 - Protestos contra a Copa

Data	Editória	Título
26.01	Cotidiano C1 e C3	Ato em SP contra a Copa termina em vandalismo
27.01	Cotidiano C1	Manifestante é ferido a tiros pela PM em ato em SP
09.02	Poder A4	Protestos levam Planalto a mudar discurso da Copa
24.02	Cotidiano. C1	Apoio a protesto despencou e é o menor desde junho – Datafolha revela também crescimento da rejeição à Copa do Mundo no Brasil
13.04	Mercado B1	Sindicatos usam a Copa para cobrar salário maior
17.04	Cotidiano C1	Bahia recorre ao Exército após greve de PMs e saques.
16.05	Poder A4	Com apoio reduzido, ato anti-Copa tem vandalismo
22.05	Poder A4	Para 73% dos paulistanos protestos são prejudiciais
25.05	Poder A4	Governo irá à Justiça contra greve de policiais na Copa
28.05	Mundo A14	Itamaraty é alvo de série de ataques cibernéticos - Hackers obtiveram e-mails internos; PF prevê mais ações na abertura da Copa
05.06	Poder A4	Metrô decide parar; Justiça veta greve na hora do 'rush'
08.06	Poder A4	Dilma pretende incluir sem-teto no Minha Casa

09.06	Poder. A4	Metroviários contrariam Justiça e mantêm greve
10.06	Poder A4	Alckmin demite 42, e greve do Metrô de SP é suspensa

Nesta categoria, observa-se que os protestos começaram a ser pautados em janeiro e terminaram especificamente dia 10 de junho, dois dias antes da abertura do torneio. Os atos localizados no estado de São Paulo foram os mais referenciados, o que sinaliza que, embora a *Folha de S. Paulo* se proponha a ser um jornal a serviço do Brasil, de âmbito nacional, enfatiza mais questões de “bairro” como atos de vandalismo em São Paulo e a greve dos metroviários, a qual teve três manchetes abordando o início, manutenção e suspensão do movimento; enquanto atos que aconteceram em outras cidades, como na Bahia - de caráter muito mais grave - teve relevância apenas em uma edição. A questão de referencialidade se repete em manchete sobre a pesquisa Datafolha, a respeito da rejeição aos protestos em que a opinião dos paulistas é evidenciada.

Não apenas os protestos em si foram proeminentes nos títulos, como também as possíveis ameaças advindas de sindicatos. O posicionamento da presidente Dilma em relação aos atos “#nãovaitercopa” foi pautado de forma considerável pela Folha, isto significa dizer que foi percebido pelo jornal a mudança de discurso da presidente após pesquisas internas revelarem o desgaste da imagem do governo devido aos protestos. Nesse sentido, para a *Folha de S. Paulo*, o governo passou a utilizar termos mais ufanistas como “Copa das Copas” e “País do futebol” se desviando do antigo discurso de legados do Mundial. Outra questão governamental em pauta foi a proatividade do governo em atender reivindicações do Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST) a fim de neutralizar protestos durante a Copa e possíveis danos à imagem do governo.

Categoria 2 – Gastos com a Copa

19.01	Esporte D1	Comitê da Fifa no país repassa gastos da Copa a governos
18.03	Esporte D1	Arena que abre a Copa será entregue inacabada à Fifa
20.04	Poder A4	Dívida com a União cresce mais em cidades da Copa
23.05	Poder A8	Copa custa só um mês de gastos com Educação
07.07	Poder A8	Só de juros, arenas da Copa vão custar dois Itaquerões

Somente os meses de fevereiro e junho não tiveram destaque nas manchetes quanto às matérias relativas aos gastos com o megaevento. O assunto é posto em pauta inicialmente quanto ao compartilhamento das despesas do evento entre comitê, prefeituras, Estados e

governo federal. Embora os envolvidos já estivessem cientes dos gastos, o título tende a pensar que simplesmente “Comitê da Fifa no país repassa gastos da Copa a governos”.

A indignação entre as despesas da Copa e a entrega de obras inacabadas ou juros exorbitantes de obras é proeminente em três capas. O estádio Itaquerão, em São Paulo, é a obra - entre tantas do evento - mais reivindicada pelo jornal, com informações sobre o andamento da construção, valores da proposta inicial e os prováveis juros. Todas as matérias indicam, direta ou indiretamente, que a Copa deixará dívidas para os estados. O incomum na cobertura sobre as despesas ocorre na matéria “Copa custa só um mês de gastos com Educação” em que os investimentos do mundial são ‘amenizados’ a partir da comparação com as despesas na área da educação. Outros estudos podem dar conta em profundidade das vozes e sentidos presentes nesta matéria, uma vez que a abordagem parece ‘maquiar’ os próprios problemas denunciados pelo jornal.

Categoria 3 – A desorganização da Copa

10.05	Esporte D1	Fifa prevê dificuldade para turista estrangeiro na Copa
13.05	Poder A4	A 30 dias da Copa, país cumpriu só 41% das metas previstas - A COPA COMO ELA É: Governos culpam mudanças e projetos, demora de repasses de recursos e até chuvas
24.05	Poder A16	Sinto vergonha dos atrasos da Copa, diz Ronaldo
03.06	Poder A6	A 10 dias da Copa, aeroportos de 11 sedes têm falhas
19.06	Copa D3	Segurança volta a falhar, e 150 invadem o Maracanã
21.06	Poder A11	PM foi ingênua e vai conter vandalismo, diz secretário de SP
04.07	Poder A4	Obra inacabada da Copa desaba e mata 1 em BH
08.07	Copa D3	Suspeito de chefiar máfia de ingressos é preso no Rio

Os gastos da Copa poderiam muito bem ser inclusos na categoria “desorganização da Copa”, todavia, os números das despesas com o evento prevalecem nas matérias. Nesta outra classificação, embora os gastos sejam citados, o foco está nas consequências, desordem tanto dos preparativos quanto da execução de planos do evento. Os alertas quanto à desorganização começaram no mês antecedente ao evento. Os transtornos citados pré-abertura envolveram a locomoção e segurança dos turistas; as obras incompletas e abandonadas; burocracia e improvisos das cidades que receberam os jogos e melhorias em aeroportos que não ficariam completas a tempo.

Durante o evento, o jornal noticiou a execução dos transtornos anunciados, com exceção do acidente em Belo Horizonte, pois as matérias anteriores abordaram o atraso e desorganização das obras e lançaram pouco olhar sobre a qualidade da construção civil em

pleno período de jogos; a segurança do Maracanã falhou ao não conseguir conter a fúria de torcedores chilenos. Para o jornal, essa foi a maior falha de segurança da Copa, embora tenham tido outras, como as contenções mal elaboradas de vandalismo nos arredores de estádios. A pauta sobre a desorganização teve ápice com uma obra de mobilidade urbana inacabada da Copa, um viaduto que caiu sobre quatro veículos, deixando um morto em Belo Horizonte, como citado anteriormente. A tragédia resgatou temas como gastos com a Copa, investigações sobre o financiamento do governo e posicionamento da presidente Dilma sobre o assunto. No pós-Copa, a desorganização foi posta em pauta em função de uma máfia de ingressos que englobou uma empresa associada à Fifa, polemizada por esta ser a única autorizada a comercializar os ingressos.

Categoria 4 - Questões políticas em meio à Copa

05.01	Mercado A13	Governo cogita abrir mercado a aéreas do exterior na Copa
21.04	Cotidiano C1	Paramilitar americana treina policial da Copa
30.04	Poder A4 e A6	"Sei da lealdade dele a mim" diz Dilma sobre 'volta, Lula'
12.05	Entrevista da 2ª A12	Governo promete multas para evitar caos aéreo na Copa
17.05	Poder 1 A4	Para Lula, cobrar metrô em estádio é 'babaquice'
11.06	Poder A6	Dilma vai à TV, exalta Copa e ataca 'pessimistas'
25.06	Mercado B1	Criação de vagas desacelera, no pior maio em 22 anos
03.07	Poder A4 e A6	Copa melhora o humor do país, e Dilma cresce
11.07	Poder A4 e A9	Para Dilma, futebol tem que mudar; Aécio critica uso da Copa
25.07	Mundo A10	Israel reage a crítica e diz que Brasil é 'irrelevante'
29.07	Poder A10	Economia é alvo de mesmo pessimismo pré-Copa, diz Dilma

A Copa virou pauta política por vários ângulos. No início do ano de 2014, a principal preocupação do governo brasileiro esteve na operação de voos internos no país a fim de evitar preços abusivos nas tarifas aéreas durante o evento. A possibilidade de um caos aéreo também virou manchete quando o governo afirmou recorrer a multas e punições para evitar atrasos em decolagens durante o mundial. Embora a questão aérea tenha sido agendada por duas vezes e motivo de apreensão governamental, não houve grande movimentação nos aeroportos como previsto e o assunto foi tratado com desdém pelo próprio jornal em títulos inferiores. Outra inquietação governamental pautada diz respeito aos preparativos antiterrorismo com ajuda americana.

As ocasiões em que a presidente Dilma discursou sobre a Copa foram noticiadas com ênfase pela Folha em três momentos. Às vésperas da abertura dos jogos, quando ela foi

à TV e à rádio fazer pronunciamento, conclamando o povo a torcer pelo Brasil e deixar de lado o pessimismo; e um mês depois, após a derrota do time brasileiro, defendendo uma renovação do futebol. E por último, no final do julho, a declaração da presidente a respeito do pessimismo pré-Copa, “que estaria de volta e afetando a economia”, durante uma sabatina virou manchete no jornal. Mas vários movimentos e depoimentos da governante viraram manchetes, mesmo quando ela não falava do Mundial diretamente. Isto ocorreu em jantar com jornalistas esportivos quando questionada sobre o relacionamento tenso com o ex-presidente Lula; em pesquisa Datafolha que indicou um aumento do humor do brasileiro devido aos jogos, o que beneficiaria Dilma nas eleições de outubro do mesmo ano. O jornal também deu destaque a um comentário do ex-presidente Lula sobre a mobilidade até dentro do estádio por metrô, o qual ele classificou como “babaquice”.

Nesse cenário, foi perceptível não nas manchetes em si, mas nos *leads* de capa das mesmas, referências às eleições presidenciais e menções ao segundo colocado na disputa eleitoral, o senador Aécio Neves. Por fim, uma questão diplomática envolvendo Israel e o Governo Brasileiro: quando este classificou como “desproporcional” a ofensiva israelense contra os palestinos, Israel respondeu caracterizando o Brasil como um país irrelevante e ironizando que desproporcional foi perder de 7 a 1, em alusão à derrota do país para Alemanha.

Categoria 5 - Sobre o campeonato: futebol

12.06	Poder A6 e Copa D1	Copa começa hoje com seleção em alta e organização em xeque
13.06	Poder A4 - Copa D1	Brasil abre a Copa com gol contra, virada e vaia Dilma
24.06	Copa D1	Brasil muda, goleia e pega Chile na primeira decisão
29.06	Copa D1	Júlio César e trave salvam Brasil de vexame em casa
05.07	Copa D1	Brasil vai à semifinal, mas Neymar está fora da Copa
09.07	Copa D1	SELEÇÃO SOFRE A PIOR DERROTA DA HISTÓRIA
10.07	Copa D1	‘O trabalho não foi de todo ruim’, diz Felipão
12.07	Poder A11	Copa eleva número de turistas no país em 132%
13.07	Copa D3	Brasil repete erros, perde da Holanda e fica em 4º
14.07	Copa D1	ALEMANHA É TETRA NO MARACANÃ
15.07	Copa D1	Copa do Brasil é aprovada por 83% dos estrangeiros

A parte esportiva do campeonato apareceu com ênfase por ocasião da abertura do torneio, quando o foco da principal matéria destacou o Brasil sede da Copa pela segunda vez depois de 64 anos e o primeiro jogo da seleção brasileira de futebol. Embora o caráter

esportivo tenha sido ressaltado, a organização e gastos não foram esquecidos e foram anunciados na manchete. No geral, todos os jogos da seleção foram manchete: contra a Croácia, Camarões, Chile, Colômbia, Alemanha e Holanda.

Cada classificação foi comemorada pelo jornal, bem como cada atuação dos jogadores brasileiros e do técnico Felipão tiveram conotações positivas. O pessimismo que já vinha nas capas do jornal em relação à execução do evento tomou conta do futebol a partir do jogo tenso contra o Chile e a saída do atacante Neymar após uma fratura. Ao ser derrotado, por uma diferença de 7 a 1, o mesmo sentimento de humilhação e vexame vistos por milhares de brasileiros pela TV, foi transposto para a capa da Folha através não só da manchete, mas de uma foto com um estádio com luzes apagadas e uma série de intertítulos e chamadas para columnistas tentando entender o que acontecia no momento.

A derrota para a Holanda na disputa pelo terceiro lugar também foi evidenciada por conter os mesmos erros cometidos no jogo anterior e o futuro do técnico Felipão começou a ser indagado pelo jornal. A cobertura esportiva encerra com a vitória da Alemanha contra a Argentina, no Maracanã. Somente esse feito fez o jornal retirar os holofotes do time brasileiro e fazer uma reportagem sobre um time estrangeiro com destaque em sua capa. Uma matéria singular sobre a aprovação estrangeira da Copa, embora não trate sobre as partidas, não se encaixa nas categorias anteriores, se aproximando do “campeonato” porque a pesquisa mediu a qualidade da realização dos jogos e atuação dos times.

Considerações

Muitas são as memórias da Copa do Mundo no Brasil em 2014, mas poucas são as evidências de forma organizada sobre os acontecimentos deste evento. Esta pesquisa, portanto, identificou e sistematizou através da cobertura do jornal *Folha de S. Paulo* cinco grandes categorias agendadas: protestos, gastos, desorganização, política e futebol. À primeira vista, as 537 menções ao evento somente nas capas pressupõem um caos de temas, todavia, ao focarmos nas manchetes, que segundo McCombs são mais potentes em termos de influência - pois referenciam o conteúdo de relevância - percebeu-se os principais temas agendados pelo meio jornalístico.

Há ressalvas: os temas em certos momentos foram altamente imbricados, isto é, **protestos** contra **gastos** exorbitantes ocasionados pela corrupção **política** do governo, gerando **desordem** na realização do **campeonato**. Nesse contexto, certamente a produção da notícia ocorreu em cenário de tensão da agenda.

Pode-se apontar que a Copa, por ser um acontecimento midiático, começa a ser agendada com bastante antecedência à sua execução, construindo no imaginário popular a necessidade de debater o assunto diariamente. Percebe-se que na hierarquia da disposição das notícias na capa do jornal, o tema se sobrepõe no período analisado em relação a outros ao se tornar manchete por 49 vezes.

Os protestos foram agendados como manchete até a abertura do torneio, dando lugar em seguida a notícias de esporte. Embora tenham perdido espaço na manchete, as manifestações/protestos disputaram espaço na capa com outras notícias. A frequência dessas entradas e como ocorreram essas disputas ou, ainda, se o tema foi silenciado, serão objetos de outras pesquisas, tendo em vista que já existe uma coleta com todas as chamadas de capa sobre a Copa do Mundo de 2014 na *Folha de S. Paulo*.

Chama atenção, também, na cobertura do evento, a apropriação do tema Copa pelo jornalismo político, o que gerou pautas relacionando as eleições de 2014 com o Mundial com evidência para diversos atores da cena política. A agenda sobre o campeonato foi a mais demorada a aparecer na *Folha de S. Paulo* e aponta-se que, seguramente, o tema sobressaiu-se no período em questão porque, embora protestos, gastos, desorganização e contexto político conturbado, o evento estava agendado publicamente, exigindo que sucedesse o agendamento midiático.

Referências

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2. ed. São Paulo: Geração, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da Notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. 2ed. São Paulo: Ática, 1989.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda - A mídia e a opinião pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MCCOMBS, Maxwell. "Um Panorama da Teoria do Agendamento, 35 anos depois de sua formulação". In: Revista INTERCOM. São Paulo, v.31, n.2, jul./dez. 2008.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2004.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia. Estudio sobre la construcción de la realidad**. Barcelona. Editorial Gustavo Gilli, 1983.



WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.